Poesia do Quebec

Introdução

Renata Maria Parreira Cordeiro

Quando, nos anos 60, Pierre Perrault, começou a escrever suas “crônicas de terra e de mar”, *Toutes Isles*, talvez não soubesse que tentava, assim como Jacques Cartier, descobrir um país. De fato, este último, em 1535, descobrindo o caminho do Canadá e penetrando, com hesitação, “nesse rio que vai tão longe, que nunca ninguém foi até o seu fim”, tomou posse das margens do Saint-Laurent, e, em seguida, lhes deu nomes. Foi o que fez, na seqüência, todo um povo e seus poetas na “terra da Nova França”, que se tornou o Quebec. Desse modo, Pierre Perrault refaz o caminho de Jacques Cartier e tenta, por sua vez, vislumbrar um país, não mais unicamente em suas paisagens, mas na própria palavra de seus habitantes. Como se o poema pudesse juntar as duas pontas da história.

Tudo isso para dizer que para tratar de sua poesia, temos de falar um pouco do Quebec. Três vezes maior do que a França, o Quebec tem, atualmente, seis milhões de habitantes, majoritariamente francófonos. A província vive confederada com vinte milhões de anglófonos do Canadá e convive com a cultura de duzentos milhões de norte-americanos. A cultura quebequense se torna, assim, segundo a expressão de Jean Royer, uma cultura de *resistência*.

A cultura quebequense, distinta da cultura dos canadenses ingleses e dos norte-americanos, não conseguiria sobreviver sem uma produção real de sua língua de expressão, o francês.

No cerne da língua se encontram os poetas. Submetida à lei inglesa, principalmente na seqüência da derrota das Planícies de Abraão, em 1760, a ex-colônia francesa nunca deixou, porém, de encarnar até hoje a cultura francesa em plena América anglófona. Até o século XVIII, portanto, eram poucos os poetas: apenas alguns “viajantes” franceses de passagem. Mas a elite canadense-francesa sempre manteve a cabeça erguida e conseguiu formar seus próprios escritores que, pouco a pouco, recolheram a memória do povo e a que provinha da França. Em 1830, vem a lume a primeira coletânea de poesia. Em 1848, um intelectual, James Huston, organiza um antologia de trechos diversos que haviam sido publicados em jornais, único meio de expressão de um povo dominado pelos ingleses antes de conquistar, passo a passo, certo controle de seu destino.

Em seguida, quando é fundada a Confederação Canadense, em 1867, a província do Quebec começa uma nova etapa de sua identidade. Um século depois, os chamados canadenses franceses se tornarão quebequenses. Desse modo, sua cultura se distinguirá da cultura do resto do Canadá, que é anglófona.

Essas referências históricas são necessárias para compreender os caminhos do Quebec em poesia. Num primeiro momento calcada na poesia da França até o século XIX, de inspiração católica e patriótica, cujos alguns expoentes como François-Xavier Garneau (1809-1866) e Albert Lozeau (1878-1924) são apresentados nesta antologia, a poesia quebequense se abrirá, pouco a pouco, para as correntes estéticas estrangeiras para se tornar autônoma e completa a partir dos anos 50.

Até a Segunda Guerra Mundial, os poetas vão levar, cada qual à sua maneira, a poesia quebequense à maturidade. Hector de Saint-Denys Garneau (1912-1943) morreu como viveu, sozinho. Em *Regards et jeux dans l'espace* (1937), ele abandona o verso tradicional para recorrer ao verso livre ao qual imagens simples e novas e um sentido inato do ritmo dão uma grande dimensão. Já Cécile Chabot (nascida em 1917) adota o verso tradicional, porém estranhamente recorre a temas mais triviais como o dia-a-dia, o desemprego, a crise econômica, cujo exemplo clássico que figura em todas as antologias é *Visions d'Été*.

Poderíamos citar grandes nomes, como Anne Hébert, prima de Saint-Denys Garneau, Rina Lasnier, cuja obra possui uma dimensão espiritual que lembra um pouco Claudel, Alain Grandbois, Gaston Miron, fundador das Éditions de l'Hexagone, entre tantos outros. Infelizmente, sua voz ainda não ecoa em nossos *Cadernos de Literatura em Tradução*, esperamos que isso não perdure por muito tempo.

Apresentamos, a seguir, como dissemos, dois grandes expoentes do século XIX que assimilaram os movimentos europeus dos séculos XVIII e XIX, bem como o já citado *Visions d'Été*, e uma pequena amostra de Saint-Denys Garneau.

Quem sabe no próximo número possamos apresentar alguns autores contemporâneos que afirmam seu destino espiritual em poemas emotivos e imaginativos, desempenhando o seu papel de poeta, a saber: refazer o mundo em cada poema.

François-Xavier Garneau (1809-1866)

Les Exilés

“Hélas! oui, l’air natal manque à notre poitrine.
Ici, la sève este lente pour nos corps.
Où sont nos monts, nos pins, nos caps dont l’aubépine,
Comme une frange, aime à couvrir les bords?”

“Où sont les verts penchants de nos riches vallées,
Où l’oeil se plaît à suivre les cordons
Que forment sur les bords des ondes argentées
Les toits nombreux de nos blanches maisons?”

“Où sont et nos hivers et leurs grands tempêtes,
Géants du nord que je regrette ici;
Et ce frimas épais et ces joyeuses fêtes
Où les plaisirs éloignaient le souci?”

“Ici, même saison, même ciel monotone;
Le temps à peine y change quelquefois.
Au milieu d’air chaud un vent poudreux bourdonne.
Ah! rendez-nous nos neiges et nos bois.”

Os Exilados

Renata Maria Parreira Cordeiro

"Dor! ao peito o ar natal, como nos tem faltado!
Aqui, lenta nos é ao corpo a seiva.
Montes, pinhos, mas onde, e aqueles nossos cabos,
Cujo espinho qual franja cobre as beiras?"

"Onde o verde pendor das nossas ricas matas,
Em que o olho se compraz nas filas tantas,
Formadas, margeando as ondas cor de prata,
Pelos tetos das nossas casas brancas?"

"Onde o nórdico inverno e suas grãs torrentes,
Os gigantes que aqui me têm faltado;
E o espesso nevoeiro e as festas sorridentes
Onde o prazer nos furta dos cuidados?"

"Aqui, mesma estação e o céu invariado;
O tempo muda só um pouco, às vezes.
No cálido ar, sussura um vento empoeirado.
Ah! dai-nos nossas neves, nossos verdes."

Albert Lozeau (1878-1924)

Érable Rouge

Dans le vent qui les tord les érables se plaignent,
Et j'en sais un, là-bas, dont tous les rameaux saignent!

Il est dans la montagne, auprès d'un chêne vieux,
Sur le bord d'un chemin sombre et silencieux.

L'écarlate s'épand et le rubis s'écoule
De sa large ramure au bruit frais de l'eau qui coule.

Il n'est qu'une blessure où, magnifiquement,
Le rayon qui pénètre allume un flamboiement!

Le bel arbre! On dirait que sa cime qui bouge
A trempé dans les feux mourants du soleil rouge!

Sur le feuillage d'or au sol brun s'amassant,
Par instant, il échappe une feuille de sang.

Et quand le soir éteint l'éclat de chaque chose,
L'ombre qui l'enveloppe en devient toute rose!

La lune bleue et blanche au lointain émergeant,
Dans la nuit vaste et pure y verse une eau d'argent.

Et c'est une splendeur claire que rien n'égale,
Sous le soleil penchant ou la nuit automnale!

Bordo Vermelho

Renata Maria Parreira Cordeiro

Os bordos, no ar que os torce, emitem um lamento,
E há um deles, eu sei, de ramalhos sangrentos!

Fica no monte, junto a esse carvalho idoso,
À margem de um caminho escuro e silencioso.

Espalha-se o escarlate e o rubi rubro escorre
Do grão ramo, ao rumor fresco d'água que corre.

Há só uma ferida em que, magno, importante,
Um clarão, penetrando, algo luz, flamejante!

Bela árvore! Em balanço, o cimo, dir-se-ia,
Que mergulha no sol vermelho em agonia!

Da rama ouro, no chão moreno a se empilhar,
De vez em quando, escapa uma folha a sangrar.

E quando a tarde apaga às coisas o fervor,
A sombra a revesti-lo em rosa se faz cor!

A lua azul e branca, ao longe, em noite vasta
E pura, emerge e verte uma água só de prata.

E que claro esplendor, no mundo sem igual,
Sob o sol em pendor ou à noite outonal!

Cécile Chabot (1907-)

Visions D'Été

La ville n'était qu'un bouge de l'enfer.
Les usines crachaient des flammèches de suie
Et les hommes brûlés, torturés en leur chair,
Traînaient sous le ciel rouge un visage de pluie.

Et j'eus le désir dou des étés purs et bleus
Où l'âme se retrouve en face du silence.
Et je m'en suis allée en refermant les yeux.
De nouveau les ouvrant sur mon pays d'enfance,
J'y vois naître des jours lumineux de soleil,
Des jours si transparents qu'on leur croirait des veines
Où bouillonnent, ainsi qu'un sang riche et vermeil,
La lumière enflammée et les chaudes haleines
Des tropiques lointains. Parfois ils ont du miel
Le goût âcre et sucré, les teintes d'ambre et d'orge
Et quand je mords en eux en regardant le ciel,
C'est tout un champ de fleurs que je goûte en ma gorge.

Visões de verão

Renata Maria Parreira Cordeiro

Um covil infernal, a cidade, mais nada.
Chispas de negro pó indústrias escarravam
E os homens, com a carne em tortura, escaldada,
Sob o vermelho céu rostos-chuva arrastavam.

Louco desejo: azuis verões e imaculados
Onde se encontram alma e silêncio de frente.
Assim, moça, eu me vou, com os olhos fechados.
E na estação da infância os abro novamente,
Vejo dias de sol, luminosos, nascendo,
Veias, diriam ser, em sua transparência,
Onde, qual sangue rico e escarlate, fervendo
Fulge luz inflamada e brisas em ardência
Dos trópicos ao longe. Às vezes têm do mel
Agridoce sabor e, da cevada, o veio
E quando neles mordo, olhando para o céu,
Um campo só de flor na boca saboreio.

Saint-Denys Garneau (1912-1943)

Accompagnement

Je marche à côté d'une joie
D'une joie que n'est pas à moi
D'une joie à moi que je puis pas prendre

Je marche à côté de moi en joie
J'entends mon pas en joie qui marche à côté de moi
Mas je ne puis changer de place sur le trottoir
Je ne puis pas mettre mes pieds dans ces pas-là et
dire voilà c'est moi

Je me contente pour le moment de cette compagnie
Mais je machine en secret des échanges
Par toutes sortes d'opérations, des alchimies,
Par des transfusions de sang
Des déménagements d'atomes par des jeux
d'équilibre

Afin qu'un jour, transposé,
Je sois porté par la danse de ces pas de joie
Avec le bruit décroissant de mon pas à côté de moi
Avec la perte de mon pas perdu s'étiolant à ma
gauche
Sous les pieds d'un étranger qui prend une rue
transversale.

Acompanhamento

Renata Maria Parreira Cordeiro

Caminho ao lado de uma alegria
De uma alegria que não é minha
De uma alegria minha que eu não posso pegar

Caminho ao meu lado com alegria
Ouço o meu passo com alegria caminhando ao meu lado
(...)
Mas não posso pôr os pés nesses passos e
dizer ei sou eu

Contento-me agora com essa companhia
Mas maquino em segredo trocas
Por todos os tipos de operações, alquimias,
Por transfusões de sangue
Mudanças de átomos por jogos
de equilíbrio

A fim de que um dia, transposto,
Eu seja levado pela dança desses passos de alegria
Com o ruído decrescente do meu passo ao meu lado
Com a perda do meu passo perdido estiolando-se à minha
esquerda
Sob os pés de um estrangeiro que pega uma rua
transversal.

C'est là sans appui

Je ne suis pas bien du tout assis sur cette chaise
Et mon pire malaise est un fauteil où l'on reste
Immanquablement je m'endors et j'y meurs.

Mais laissez-moi traverser le torrent sur les roches
Par bonds quitter cette chose pour celle-là
Je trouve l'équilibre impondérable entre les deux
C'est là sans appui que je me repose.

Sem apoio

Renata Maria Parreira Cordeiro

Não estou nada bem sentado nessa cadeira
E meu pior mal-estar é uma poltrona em que se fica
Infalivelmente adormeço e nela morro.

Mas deixem-me atravessar a torrente sobre as rochas
Por saltos deixar isto por aquilo
Eu encontro o equilíbrio imponderável entre os dois
É sem apoio que repouso.

Les Ormes

Dans les champs
Calmes parasols
Sveltes, dans une tranquille élégance
Les ormes sont seuls ou par petites familles
Les ormes calmes font de l'ombre
Pour les vaches et les cheveux
Qui les entourent à midi.
Ils ne parlent pas
Je ne les ai pas entendus chanter
Ils sont simples
Ils font de l'ombre légère
Bonnement
Pour les bêtes.

Os Olmos

Renata Maria Parreira Cordeiro

Nos campos
Calmos guarda-sóis
Esbeltos, numa tranqüila elegância
Os olmos estão sós ou em pequenas famílias
Os olmos calmos fazem sombra
Para as vacas e os cavalos
Que os cercam ao meio-dia.
Não falam
Não ouvi qualquer canto seu
São singelos
Fazem leve sombra
Bondosamente
Para os bichos.

Baigneuse

Ah, le matin dans mes yeux sur la mer
Une claire baigneuse a ramassé sur elle
toute la lumière du paysage.

Banhista

Renata Maria Parreira Cordeiro

Ah, manhã nos meus olhos sobre o mar
Uma clara banhista recolhe sobre si
toda a luz da paisagem.